



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

LUCIANA DE LIMA LOPES LEITE

OCUPAR É REXISTIR!
PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA NAS
OCUPAÇÕES DO COLETIVO OcupARTHE, EM TERESINA (2014).

TERESINA, 2018

LUCIANA DE LIMA LOPES LEITE

OCUPAR É REXISTIR!
Práticas Artísticas como Tática de Resistência nas Ocupações do Coletivo
OcupARTHE, em Teresina(2014).

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-graduação em Antropologia – PPGAnt, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jóina Freitas Borges

TERESINA, 2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

L533o Leite, Luciana de Lima Lopes.

Ocupar é resistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo OcupARTHE, em Teresina(2014) / Luciana de Lima Lopes Leite. – 2018.

191 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) –
Universidade Federal do Piauí, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Jóina Freitas Borges.

LUCIANA DE LIMA LOPES LEITE

OCUPAR É REXISTIR!
Práticas Artísticas como Tática de Resistência nas Ocupações do Coletivo
OcupARTHE, em Teresina(2014).

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-graduação em Antropologia – PPGAnt, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jóina Freitas Borges

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jóina Freitas Borges (Orientadora/UFPI)

Profa. Dra. Mônica da Silva Araújo (Interno/UFPI)

Profa. Dra. Shara Jane Costa Adad (Externo/UFPI)

A aqueles que são e vivem a cidade. Que a ocupam e reXitem diariamente invisibilizados, marginalizados e oprimidos por toda a podridão que alimenta o sistema capitalista. Aos quem lutam por justiça, direitos e igualdade. Marielle Franco, Presente!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha Mãe Ana Célia e ao meu Pai Maninho Leite por tudo! Sem eles cá eu não estaria.

Agradeço aos meus irmãos Rafael e Laiana que são os melhores. Pela amizade, companheirismo, incentivo e fé na minha pessoa idealista e sem juízo.

Agradeço as minhas avós, Lucy e Caçula, por sempre estarem liderando minha torcida e vibrando junto comigo. As mais lindas do cosmo!

A meu sobrinho Saulo Leite, minha inspirAÇÃO, amor infinito e força para seguir acreditando. Resistimos por um futuro melhor especialmente para nossas crianças.

Agradeço aos meus companheir@s de sonhos e ocupação do OcupARTHE. Irmãs e irmãos de luta e reXistência, sem os quais os atravessamentos e afetos que permeiam essas páginas não seriam possíveis.

Agradeço aos amig@s dos coletivos e/ou iniciativas coletivas ARTEvistas desconstruídos e desterritorializados que geram movimento.

Agradeço as irmãs e irmãos das ocupas e dos movimentos de reXistência: OcupaPRAÇA, OcupaMinC, OcupaUFPI, Ocupa Angico, por todo conhecimento apreendido, compartilhados e inventado. Vocês são ...

Agradeço aos que se dedicaram a colaborar na escrita e criação dessas páginas pela paciência e carinho que sempre tiveram comigo: Luciane Monturil, Eli Santos, Nelson Barbosa, Vicente de Paula, Ilana Magalhães, Sara Lim, Kilito Trindade, Francisco Denis, Flávia Barreto, Esaú Barros, Elaine Maciel e Guga Carvalho.

Agradeço aos meus Professores e colegas de turma e do PPGAnt. Desejo muita luz nas etnografias e vida de TODOS!

Agradeço as minhas miguxas e companheiras do Mestrado para a Vida Odete Cajueiro, Carla Moura e Ilaninha.

Agradeço imensamente a minha orientadora Maravilinda Joína Freitas Borges pela coragem de abraçar e embarcar nessa viagem coletiva.

Agradeço a Teresina, nossas ruas e nossa gente.

Gratidão a todos e aos Deuses por vocês e nossas [COM]vivências.

RESUMO

Mais que um estudo, um atravessamento. A criação de conhecimento através de afetos, movimento, Arte e resistência. As análises e reflexões apresentadas na presente dissertação são resultado da pesquisa etnográfica construída sobre as práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações realizadas pelo coletivo OcupARTHE, em Teresina, no ano de 2014. A narrativa é desenvolvida a partir da experiência e [com]vivência em campo e dos relatos etnográficos apreendidos que possibilitam a compreensão dessas táticas na pós-modernidade, considerando o lugar da pesquisadora enquanto ocupante e ARTEvista. Um olhar sobre Teresina a partir das proposições realizadas nas ocupações coletivas de intervenção urbana que objetivam um diálogo com a cidade e as pessoas que a fazem por meio de um processo de resignificação dos espaços, compreendidos como lugares praticados (CERTEAU, 2008).

Palavras-chave: Ocupação, práticas artísticas, tática, Arte, resistência.

ABSTRACT

This is more than a study, It's a crossing. The creation of knowledge through affection, movement, art and resistance. The analyzes and reflections presented, in this dissertation, are the result of an ethnographic research built through the artistic practices as resistance tactic in the occupations carried out by the collective OcupARTHE in Teresina, in 2014. The narrative is developed by sharing experience on-site and also the ethnographic reports seized that make possible the understanding of these tactics during the postmodernity, considering as well the researcher's role as an occupant and an artist. It is, thus, a look at Teresina taking account the propositions made in the collective occupations as urban intervention which aim a dialogue among the city and the people who take part of it through a process of resignification of spaces, known as practiced places. (CERTEAU, 2008).

Keywords: Occupation, Artistic practices, tactic, Arte, resistance.

LISTA DE FIGURAS

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Intervenção urbana realizada na ocupação Ocupa Angico.....	19
Fotografia 2- Graffiti produzido pelo coletivo OcupARTHE	20
Fotografia 3- Performance dentro do Metrô de Teresina durante ocupação	20
Fotografia 4- Página ilustrada do Diário de Campo e Afetação da pesquisa.	25
Fotografia 5- Coreto da Praça Rio Branco. Foto de 1916.	28
Fotografia 6 - "As paredes tinham ouvido, agora elas têm palavras". Pichação nos muros da Sorbonne durante os protesto do Maio de 68.	31
Fotografia 7 - Intervenção com lambe e picho na exposição <i>Atalho para bem Ali</i>	33
Fotografia 8 - <i>Performance</i> em ocupação dos vagões do metrô de Teresina.....	37
Fotografia 9- Página do Diário de Campo e Afetações.	40
Fotografia 10 - Intervenção artística dentro dos vagões do metrô de Teresina.....	43
Fotografia 11- Ocupação realizada pelo coletivo OcupARTHE na Rua dos Pássaros.	44
Fotografia 12- Moradoras posam para foto exibindo Artes adotadas na ocupação da Praça do Poti Velho, primeiro bairro de Teresina, zona norte da cidade.	45
Fotografia 13 - Registro da oficina que deu origem ao coletivo OcupARTHE.	47
Fotografia 14 - Instalação <i>Fora da Gaiola, voa?</i> , na ocupação da Rua dos Pássaros.....	49
Fotografia 15 - Fogueira esquentando os tambores em Festa Junina do OcupARTHE.....	57
Fotografia 16 - Tambor de Crioula em ocupação junina do OcupARTHE.....	58
Fotografia 17 - A Fonte, de Marcel Duchamp, 1917.....	68
Fotografia 18 - "Est interdit d'interdire!", É proibido proibir!.	73
Fotografia 19 - Reprodução de pôster/cartazes no Atelier Populaire.....	74
Fotografia 20 - Lygia Clark e Ferreira Gullar na II Mostra do Grupo Frente, em 1955.	76
Fotografia 21 - Lygia Clark, Bichos, 1960.....	77
Fotografia 22 - Apresentação de banda de Rock no Vôlei Bar na década de 1980.....	80
Fotografia 23 - Intervenção com pôster lambe durante o Circuito Grude em Teresina, em 2013.	82
Fotografia 24 - Imagem da apreensão de 41 aves silvestres na Rua Firmino Pires.	84
Fotografia 25 - Gaiola disfarçam o mercado negro de animais em Teresina.	86
Fotografia 26 - Portões grafitados na noite anterior a ocupação da Rua dos Pássaros.....	87

Fotografia 27- Instalação “Fora da Gaiola, Voa?”, sendo montada na calçada do Museu do Piauí, na ocupação da Rua dos Pássaros, centro de Teresina.	88
Fotografia 28 -Gaiola artevizada compondo a instalação “Fora da Gaiola, voa?”	89
Fotografia 29 - Tela produzida pelo artista visual e grafiteiro Daniel Bandeira, o DBand, para adoção na ocupação da Rua dos Pássaros.	90
Fotografia 30 - Adoção de obra de Arte por transeunte na ocupação da Rua dos Pássaros.	91
Fotografia 31 - Dona Graça, moradora do povoado da Luz, zona rural de Teresina, exibindo sua graciosidade ao adotar um pássaro livre de gaiolas.	92
Fotografia 32 - Telefone de Lata convida transeuntes a brincar na Rua dos Pássaros.	94
Fotografia 33 - Imagem de vídeo em que a poetisa Desterro Gomes interpreta gaiola e dialogando com esta, recita poesia na ocupação da Rua dos Pássaros.	95
Fotografia 34 - A) Jovens pintando em Laboratório criativo na Rua do Pássaros. B) Crianças exibem arte produzida no laboratório de criação.	96
Fotografia 35 - Obra produzida no laboratório criativo é exposta para ser adotada.	97
Fotografia 36 - Apresentação da Fabulah na ocupação da Rua dos Pássaros.	98
Fotografia 37 - Intervenção com pôster lambe na Praça do Poti Velho chama atenção para a violência e silenciamento das mulheres em nossa sociedade. Arte por Ylana Leal	103
Fotografia 38 - Raimundinha na Cooperat Poty/Cooperativa de Artesanato do Poty Velho.	105
Fotografia 39 - Mulheres do Poti” trazem renda e independência para artesãs do Poti Velho.	106
Fotografia 40- Monumento do Cabeça de Cuia no Parque Ambiental Encontro do Rios.	109
Fotografia 41 -Pintura retratando um caso de feminicídio ocorrido em Teresina, em abril de 2016 , sendo adotada em ocupação na Praça do Poti Velho.	110
Fotografia 42- Instalação com barcos de papel faz referência a pescadores do Poti.	112
Fotografia 43 - Contação de histórias em performance pelo Grupo Cafundó.	113
Fotografia 44 - A) Crianças pintando no laboratório de criação. B) Criança expondo obra de arte produzida no laboratório de criação. C) laboratório de criação de origamis. D) montagem de instalação com origamis.	113
Fotografia 45 - Comunidade observa exposição de fotografias retratando o Poti Velho.	114
Fotografia 46 - Pôster lambe “As alegrias de uma calcinha”, em exposição para adoção.	115
Fotografia 47 - A) Graffiti sendo produzido durante ocupação pelo grafiteiro Panzer. B) Reprodução do graffiti de Panzer feito pelo jovem Raimundo no laboratório de criação.	116
Fotografia 48 - Apresentação do Tambor de Crioula Manga Crioula, em frente a Igreja, da Praça do bairro Poti Velho, em ocupação no ano de 2014.	117

Fotografia 49 - Registro de moradias ao lado dos trilhos do metrô, na zona sul de Teresina.	119
Fotografia 50 - Registro de artistas, as 8h, aguardando metrô na estação Dirceu II.	121
Fotografia 51 - Artistas levam o Breakdance para dentro dos vagões do Metrô.....	123
Fotografia 52 - A agitadora cultural Eli Santos na ocupação do Metrô de Teresina.....	124
Fotografia 53 - Pintura ao vivo durante ocupação no metrô de Teresina.....	124
Fotografia 54 - Pixiti intervindo em obra de arte criada por Dan Bandeira.	125
Fotografia 55 - A e B) Poesia ocupa metrô como ato de resistência.	126
Fotografia 56 - <i>Performance</i> sobre assédio sofrido por mulheres em transportes coletivos..	127
Fotografia 57 – A) Luciane Monturil canta acompanhada pela musicista Amara Meneses, B) Luciane Monturil puxa quadrilha dentro do metrô de Teresina.	128
Fotografia 58 - Live paint (pintura ao vivo), por Dan Bandeira.....	129
Fotografia 59 - Performance por Pixiti.....	130
Fotografia 60 - Poesia Tarja Preta por Kilito Trindade.	130
Fotografia 61 - Dança de rua por Gustavo B.....	131
Fotografia 62 - Música por Sid Vitor e Fabulah.....	132
Fotografia 63 - Pôster lambe por OcupARTHE.	132
Fotografia 64 - A e B – Stikers por @pessoa_silva	133
Fotografia 65 - Laboratório de criação a céu aberto em ocupação realizada pelo coletivo OcupARTHE na Rua dos Pássaros. Teresina, Piauí, abril de 2014.....	139
Fotografia 66 - Pedaco de ocre vermelho inciso com padrões geométricos, encontrado na caverna Blombos, África do Sul. Fechado entre 70.000 e 100.000 anos aC.....	142
Fotografia 67 - Arte de OsGêmeos nas ruas da cidade de São Paulo, Brasil.	144
Fotografia 68 - Registro do sorriso da moradora do Bairro Poty Velho criando afetos e sendo afetada durante montagem de Instalação em ocupação na Praça do Poty Velho.	147
Fotografia 69 - Keith Haring, grafitando muro em Berlim, Alemanha, em 1986.	150
Fotografia 70 - A Bota, Alex Vallauri. São Paulo, 1979.....	153
Fotografia 71 - Portões grafitados na noite anterior a ocupação da Rua dos Pássaros.....	156
Fotografia 72 - A) Muros representam temas feministas. B) Poder ao povo!.....	159
Fotografia 73 - Graffiti financiado pela Prefeitura de Teresina, através de edital no projeto Lagoas do Norte, representa a força da mulher negra da Boa Esperança que resistem ao projeto de desapropriação de casas na região. Lagoas do Norte para quem?.....	161
Fotografia 74 - Lambes criados e colados no Circuito Grude em 2013.....	162
Fotografia 75 - Lambes pensam a cidade e suas relações.	163

Fotografia 76 - O secundarista Edson Luís Lima Souto, de 18 anos, morto a bala pela repressão em protesto contra o fechamento do restaurante Calabouço, na sede da UNE/RJ. 28 de março de 1968.....	164
Fotografia 77 - Lambes pela democracia: A) Teresina, B) Recife, C)São Paulo, D) Vitória.	165
Fotografia 78 - A) Grude caseiro, B) Cola e lambe C) Processo, D)Mutirão de colagem.	167
Fotografia 79 - Nelson Barbosa lambendo durante a 1ª edição do circuito grude.	168
Fotografia 80 - A) Lambe contra o Golpe, B) Lambe feminista.	169
Fotografia 81 - Joseph Beuys falando de arte para uma lebre morta.	172
Fotografia 82 - Pixiti tem corpo Pixado por passageiros em performance no metrô.	173
Fotografia 83 - Performance por Vicente de Paula, ou Fruta Gogoia.	174
Fotografia 84 – Drags ocupam o palco do Espaço Osório Júnior, no Clube dos Diários de Teresina, com <i>performance</i> protesto contra o Golpe de 2016. #FORATEMER	175

IMAGENS

Imagem 1 - Cartaz da exposição Poéticas do Coletivo.	32
Imagem 2 _ Cartaz I convidando comunidade a ocupar o metrô de Teresina.....	42
Imagem 3 - Logomarca do coletivo OcupARTHE.....	46
Imagem 4 - Cartaz de divulgação da ocupação da Rua dos Pássaros. Arte por Denis Carvalho	52
Imagem 5 - Cartaz de divulgação da ocupação na Praça do Poti Velho. Arte por Cyro 7.....	53
Imagem 6 - A) Cartaz II convidando comunidade a ocupar o metrô de Teresina. B) Cartaz III convida comunidade a ocupar o metrô de Teresina. Artes por Ylana Lemos.	54
Imagem 7 - Cartaz com atrações da ocupação na Praça da Liberdade. Arte por Ylana Lemos.	55
Imagem 8 - Cartaz de divulgação de ocupação no Parque Piauí. Arte por Nelson Barbosa. ...	56
Imagem 9 - Cartaz de divulgação de ocupação no Mercado Velho. Arte por Emerson Mourão.	56
Imagem 10 - Cartaz de divulgação de Halloween do OcupARTHE na encruzilhada do Rufino. Arte por Emerson Mourão.	59
Imagem 11 - Édouard Manet, Almoço na relva [Le déjeuner sur l'herbe], 1863.	63
Imagem 12 - Claude Monet, Impressão, sol nascente, (1872-73).	65
Imagem 13 - Manifesto Fluxus feito com colagens por Maciunas, em 1963.....	71
Imagem 14 - Imagem aérea da Rua Firmino Pires.	85
Imagem 15 - Vista aérea de parte da região norte de Teresina, destacando-se o bairro Poti Velho.	99
Imagem 16 - Infográfico da pesquisa, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública..	107
Imagem 17 - Mapa das estações do Metrô de Teresina, em 2008, antes da inauguração da estação Bandeira, em 2009.	118
Imagem 18 - Linha e estações do Metrô de Teresina.	120
Imagem 19 - Manchete do Jornal O GLOBO apoiando o Golpe Militar. 01.04.1964.	163

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 POR ONDE ANDEI OU SOBRE MEU PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
2.1 Os hippies da Rio Branco: [re] viver!	27
2.2 A ARTEvista que habita em mim saúda a/o ARTEvista que habita em você.	31
2.3 Sobre sujeitos/atores: como escolher uma ocupa	39
2.4 OcupARTHE: [com]vivendo através de Arte e afetos.....	46
2.4.1 Ocupações coletivas de resistência	51
2.4.2. Ocupações Artísticas Comemorativas de Rua.....	57
2.5 Mas afinal, o que é Etnografia?.....	60
3 OCUPAR É REXISTIR!	63
3.1 Movimentos vanguardistas antecessores.....	63
3.2 A vanguarda Tupiniquim	75
3.3 Ocupações precursoras em Teresina.	79
3.4 Ocupação da Rua do Pássaros: Fora da Gaiola, voa?	82
3.5 Ocupação da Praça do Poti Velho: por nenhuma a menos!	99
3.5.1 Poti Velho e o florescer de The: um breve histórico.	99
3.5.2 Lute como uma Mulher do Barro!.....	103
3.5.3 Chega de violência! Abaixo os Cabeças de Cuia!.....	107
3.5.4 Ocupamos! Resistimos! Avançamos!.....	112
3.6 Ocupação do Metrô: uma viagem através da cidade.	118
3.6.1 Embarque nesse trem, vamos re[vi]ver Teresina!	119
3.6.2 Arte sobre Trilhos.....	129
4 A ARTE COMO TÁTICA COLETIVA DE RESISTÊNCIA.	135
4.1 Arte é Vida!.....	135
4.2 A Arte para além da estética, uma ação política que cria afetos.	141
4.3 Graffiti – comunicação, cores e reXistência urbana.....	149
4.4 Pôster lambe – Eu lambo, Tu lambes, Nós lambe-lambe!	169
4.4 Performance – Se o corpo fala, deixa falar!	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	179
ANEXOS	188

1 INTRODUÇÃO

[...] isso não é um poema. Poemas são um tédio, eles te fazem dormir. Estas palavras te arrastam para uma nova loucura. Você foi abençoado, você foi atirado num lugar que cega de tanta luz. O elefante sonha com você agora. A curva do espaço se curva e ri. Você já pode morrer agora. Você já pode morrer do jeito que as pessoas deveriam morrer: esplêndidas, vitoriosas, ouvindo a música, sendo a música, rugindo, rugindo, rugindo.

Charles Bukowisk

Minha atuação como ARTEvista, aliada ao crescente surgimento de coletivos e iniciativas coletivas em Teresina motivou essa dissertação que privilegia as práticas artísticas utilizadas nas ocupações coletivas como tática de resistência, “modos de fazer” das pessoas de um lugar para atingir um destinatário (CERTEAU, 2008).

Utilizo o termo ARTEvista, uma das categorias centrais desse estudo, para designar ativistas culturais e políticos que lançam mãos das linguagens artísticas em suas proposições visando atingir seus objetivos, uma união entre *Arte + Ativista*, e não necessariamente, entre artista e ativista. Ao falar em ativismo me refiro à perspectiva das Ciências Políticas, no qual o ativismo é percebido como militância que objetiva alcançar uma transformação social e/ou política. Os ativistas utilizam táticas e ações diretas de intervenção, seja no espaço real ou virtual, para manifestar, protestar, divulgar seus ideais, “[...] mostrar-se, narrar-se e representar-se” (PAIM, 2012, p 23). Essas ações podem ser pacifistas, como uma ocupação embaixo de uma árvore para evitar que essa venha a ser derrubada¹, ou contra a ordem e a Lei, como práticas terroristas, por exemplo.

No Brasil, no final dos anos 1970 e início 1980 (NAJIMA, 2010), na capital paulistana, surgem os primeiros grupos de intervenção urbana em meio uma ditadura militar que durou mais de vinte anos. Dentre esses grupos está o “TupiNãoDá”, formado por José Carratu, Milton Sogabe e Eduardo Duar. O “TupiNãoDá” é considerado pelos estudiosos dos temas – Arte Urbana, Arte de Rua, Ativismo Cultural e Político, entre outros – o estopim de uma revolução que influencia até os dias de hoje os artistas urbanos em todo o Brasil, ao

¹Como foi o caso da ocupação Ocupa Angico, que aconteceu em junho de 2016, em Teresina, contra a derrubada de um Angico Branco, de aproximadamente 100 anos de existência e com altura de 25 metros, localizado no cruzamento das Avenidas Nossa Senhora de Fátima e Jockey Club, na zona Leste da cidade. Após uma semana os ocupantes conseguiram evitar a derrubada da árvore, considerada crime ambiental.

iniciar a primeira geração de grafiteiros no país, em 1983. Em entrevista concedida ao site *Beside Color*², em abril de 2016, Jaime Prades, artista que entrou no coletivo em 1985, conta:

A gente estava em pleno processo de transição da ditadura para a democracia. E eu tenho pra mim que, quando começou a abrir a panela de pressão, espirrou tinta. A gente já estava na rua, tentando fazer essas intervenções enormes, e trabalhávamos à luz do dia, nosso objetivo era conquistar esse espaço. A situação política ainda era muito tensa. Era um ato perigoso ir para a rua. Hoje também é, não é? A rua é sempre perigosa, mas naquele momento era veladamente perigoso. E o mais provocante é que o nosso discurso era completamente lúdico em termos de imaginário. Mas ir lá fazer aquilo, se expor, isso sim é que era político. [...] Na verdade, o grafite nunca foi a motivação. Nossos primeiros trabalhos eram instalações públicas. Para o MAC (Museu de Arte Contemporânea da USP), criamos um outdoor em que a gente amarrou três sacos de lixo enormes, cada um com uma das cores da bandeira do Brasil. Depois fizemos outra instalação, também com sacos de lixo, com as cores da bandeira num gramado da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), na USP.

A partir de então, coletivos de arte são formados em quase todos os grandes centros urbanos do país, passando a desempenhar um importante papel, enquanto crítica de resistência e ativismo social, que envolvem várias camadas da sociedade e a esfera pública na ressignificação dos espaços urbanos. Pensa-se resistência aqui a partir dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1996): resistir ao que é imposto; livrar-se das representações pré-formatadas, ou seja, desterritorializar-se do construído e sedimentado e reterritorializar-se com outros sujeitos, coletivamente, inventando novos modos de [com]viver.

Os conceitos relacionados a coletivos e iniciativas coletivas, bem como os movimentos artísticos de intervenção urbana na Europa e no Brasil inspiram o presente estudo, cuja relevância pode ser justificada a partir da inexistência de uma etnografia, em nível local, sobre os sujeitos e atores desse fenômeno na forma das ocupações e que representam novas configurações de interações dinâmicas - espaços, arte, política, movimento - e críticas na sociedade moderna-contemporânea.

É importante salientar a diferença entre coletivos e iniciativa coletiva. Os coletivos são agrupamentos de artistas ou multiprofissionais que através de novas e outras conexões rizomáticas inventam, criam “modos de fazer” e atuar conjuntamente nos espaços públicos, reais ou virtuais, sob um mesmo nome. Buscam através de suas proposições atingir seus

² O site é dedicado a divulgação de conteúdos relacionados à arte urbana, incluindo eventos, artista e grupos de artistas de destaque. Disponível em: < <http://besidecolors.com/tupinaoda/>>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

objetivos e muitos têm caráter político. Podem ter formação fixa ou um núcleo ao redor do qual se juntam outros sujeitos ou agrupamento.

[...] Os “coletivos” podem ser formados tanto por artistas quanto por ativistas ou pessoas simplesmente interessadas em participar. Para a maioria o que importa são as “ações”. Portanto, se, por um lado, noções como “mobilização política”, “arte urbana” e “ativismo” se aplicam a esses grupos, por outro, eles não constituem propriamente uma forma de ativismo ou um movimento social artístico, embora possam estar eventualmente ligados a movimentos diversos em função das ações realizadas. Precisamente o que parece caracterizá-lo é um “intervencionismo” que se dá em um regime de impermanência, de contrato flexível, que se distancia de formatos associativos rígidos e também da conjuração da cristalização de uma linguagem de um modo operativo (GONÇALVES, 2010, p 04).

As iniciativas, porém, “[...] são projetos com autogestão de equipes de trabalho constituídas por artistas ou mistas, formadas para determinado fim, sem objetivar a formação de um coletivo” (PAIM, 2012, p. 7-8). Ocupações como as que aconteceram em 2016, em vários Estados do Brasil, nos prédios que representavam o Ministérios da Cultura, as OcupaMinC, são um exemplo de iniciativa coletiva.

Ao falar em ocupação me refiro ao movimento de ocupar espaços, públicos ou privados, praticá-los e fazer novos usos desses, intervindo no ritmo e comportamento cidadão disciplinado criando fissuras capazes de desordenar o sistema e reinventar a vida – desterritorializar e reterritorializar (DELEUZE e GUATTARI, 1996). Nesse sentido, as ocupações sobre as quais me debruço têm caráter político, pois criam espaços paralelos ao institucionalizado, insurgentes ao modelo imposto pelo capitalismo; elas também têm ARTEvista, uma vez que utilizam a Arte como tática de resistência para se praticar a cidade.

Este trabalho é um desdobramento do estudo que iniciei em 2012, no curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí, quando, enquanto ARTEvista e membro de coletivos, senti a necessidade de investigar os processos de identificação e mobilização dos coletivos e das iniciativas coletivas em Teresina, além de suas implicações políticas e sociais na cidade. Os resultados foram apresentados em 2014, no trabalho de conclusão da Graduação em Licenciatura em Artes Visuais com o título: *Ocuparthe: a ocupação foi decretada!*, compreendendo que coletivo:

É a condição ontológica da existência de células e de grupos de indivíduos que buscam em novas conexões rizomáticas a inclusão e o fortalecimento político e tecnológico, localizando-se a partir de exemplo muito extremos, tanto nas redes sociais de relacionamento controladas pelas incorporações do entretenimento [...] como conflitos políticos midiáticos e ataques terrorista (MESQUITA, 2008. p. 141).

A delimitação espacial e temporal da presente investigação se fundamenta na observação do intenso movimento de ocupações dos espaços públicos e privados na cidade de Teresina, capital piauiense, entre os anos de 2014 e 2015, seguindo o fluxo de um fenômeno que se expandia por várias capitais brasileiras como São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, desde os últimos anos do século XX. Nesse momento grupos de ARTEvistas, coletivos e iniciativas coletivas passam a questionar a paisagem e o planejamento de centros urbanos, visando chamar atenção para espaços invisibilizados, refletindo sobre os modelos das cidades contemporâneas e a necessidade de espaços pensados e construídos por e para pessoas, transferindo assim o olhar da cidade para os sujeitos que vivem, sentem e fazem a cidade (AGIER, 2011). Sob essa perspectiva esses agrupamentos passaram também a questionar os lugares da Arte, assim como o sistema das Artes Visuais e o trajeto de legitimação do artista e de seus trabalhos (PAIM, 2004).

Ao questionar os lugares da Arte, a inquietação está em romper com o sistema tradicional, principalmente de Museus e galerias comerciais de difícil acesso, onde um número seletivo de artistas consegue expor suas obras a um público, no Brasil, ainda bastante limitado. Quem legitima esses lugares? Quem diz quais artistas podem estar nesses lugares? Qual o público apreciador e consumidor desses lugares?

Responder tais questões não seria tarefa das mais árduas, basta olhar as agendas dos eventos que acontecem nos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo para se perceber uma lista de poucos – e quase sempre os mesmos – artistas a quem se é permitido adentrar com seus trabalhos nos museus e nas galerias “da hora”, legitimados pelo mercado da Arte, consumido por um público elitista formado por críticos de Arte, colecionadores, donos de galerias, produtores culturais, artistas e estudantes *Cults*³. Os lugares da Arte e sua instituição, historicamente representam os valores e interesses da burguesia, se convertendo em local para “[...] o pensamento crítico-racional e para a auto-representação desta classe e de seus valores.

³Adjetivo de dois gêneros e dois números. Relativo ao que é cultuado por intelectuais ou relacionado aos mesmos. No popular usa-se para designar o indivíduo, obra, movimento relacionados à arte: ele gosta de assistir filmes cults. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cult/>> . Acesso em: 12 de julho de 2017.

Uma organização que desfruta de uma relativa fixidez e autonomia, assim como capacidade de se auto sustentar e se auto reproduzir” (MESQUITA, 2008, p 12).

É resistindo a esse padrão burguês que os agrupamentos de coletivos e iniciativas coletivas passam a praticar e inventar novos lugares da Arte, como as intervenções e ocupações urbanas de rua, agenciando uma democracia da Arte, expondo seus trabalhos, individuais e/ou coletivos, fomentando inclusive novas maneiras de comercialização e legitimação desses.

As ocupações urbanas sobre as quais me debrucei foram construídas a partir da relação entre arte, ativismo e política, tendo como palco lugares na cidade de Teresina em que ocorrem disputas entre agentes em relação a seus usos. Lugares de passagem, ou *não lugares*⁴ (AUGÉ, 2012) – como praças, ruas, mercados, metrô, etc. – que a partir do momento que sofrem intervenções por parte dos coletivos e suas proposições artísticas e ativistas se transformam em espaços de sociabilidade, produzidos a partir de operações que os permeiam, determinam, temporalizam e transformam em unidade multifuncional de “[...] programas conflituais ou de proximidades contratuais [...]”. Em suma, “*o espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 2008, p 202).

Quero salientar que entendo por ocupação urbana as ações realizadas em lugares que ao serem habitados, preenchidos, apropriados, mesmo que efemeramente, através de práticas coletivas de intervenção urbana se transformam em espaços de reflexão e atuação política.

Ao mencionar *intervenções*, me refiro a manifestações realizadas no espaço público que convidam as pessoas a de alguma forma também intervir no espaço, seja questionando, refletindo, criticando, apreciando, sentindo. A intervenção urbana, através dos que por ela passam, transforma “lugares em espaços praticados” (CERTEAU, 2002, p. 202), [re]cria paisagens, instiga um olhar a cidade e as pessoas que são a cidade, chamando atenção para os seus conflitos, suas questões políticas, sociais, estéticas e ideológicas.

O ocupARTHE é um coletivo ARTEvista que realiza ocupações nos espaços públicos de Teresina e outras cidades do Estado do Piauí desde o ano de 2014. As intervenções propostas pelo coletivo são um convite à reflexão sobre a cidade e questões da contemporaneidade tais como: violência contra a mulher e a comunidade LGBTTI,

⁴ Marc Augé (2012) em sua obra *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, define os *não lugares* como medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grande cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grande superfícies da distribuição, a medida complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com outra imagem de si.

preservação do patrimônio cultural, meio ambiente, mobilidade e planejamento urbano, relação cidade e cidadãos. Em Teresina, o coletivo realizou até então, quinze ocupações, tendo a última ocorrido em junho de 2017.

Como ARTEvista e membro do coletivo OcupARTHE, estive presente em todas as ocupações realizadas pelo grupo em Teresina e em outras cidades do Estado. Considero que cada uma dessas ocupações teve imensa importância no que se refere a reinventar os espaços citadinos, subvertendo a sua ordem através de um movimento de desterritorialização e reterritorialização desses; bem como para minha jornada como artista e ser humano, o que tornou extremamente doloroso ter que escolher apenas algumas como sujeitos/atores desse estudo.

No entanto, considerando o tempo que me foi destinado para desenvolver a presente investigação e os objetivos por ela pretendidos seria impossível, ao menos para mim, apresentar um trabalho relevante ao que me propus, analisar as práticas artísticas como tática de resistência, criando conhecimento a partir de atravessamentos e afetos, sem delimitar as ocupações a serem etnografadas. Dessa forma, três ocupações foram selecionadas para serem aqui analisadas e apresentadas, são elas: **Ocupação da Rua dos Pássaros**: Rua Firmino Pires, Centro de Teresina, em 07 de abril de 2014; **Ocupação da Praça do Poti Velho**: Bairro Poti Velho, Zona Norte de Teresina, em 24 de maio de 2014; e **Ocupação do Metrô**: Vagões do Metrô de Teresina, 31 de julho de 2014. Mais adiante apresentarei minhas análises sobre estas ocupações bem como as motivações que me levaram a tomá-las como sujeito/atores dessa etnografia.

Mas o que é Ocupação? Quem e Por que se ocupa? Por que Arte nas ocupações? Arte é uma tática de resistência? Essas foram as questões primeiras que nortearam este trabalho que tem por objetivo analisar – e refletir – o uso de práticas artísticas como táticas de resistência nas ocupações coletivas supracitadas. Para tal, os conceitos de coletivo; espaços autogestionados, ou seja, “[...] aqueles cuja idealização e gestão é realizada de maneira associativa por algum coletivo ou iniciativa coletiva” (PAIM, 2012, p. 08); e espaços da Arte foram fundamentais para à compreensão das questões norteadoras. Ao falar aqui em espaços da Arte, recorro a Paim (2006, p 01), para quem esses são:

[...] Invenções dos coletivos. Espaços fora dos tradicionais lugares de visibilidade do sistema das artes onde os artistas buscam autonomia e liberdade para desenvolver seus projetos. Favorecem a ampliação da movimentação do artista, inclusive com a implosão e alargamento de seu papel como produtor de obras. Neles se procura a coexistência entre a

circulação e a reflexão e são flexíveis quanto à formação de apresentação de proposições artísticas.

É importante salientar que os coletivos, ou o coletivo OcupARTHE não são os interesses centrais desse estudo, mas sim as práticas artísticas como táticas de resistência nas ocupações a serem analisadas, que têm sua função tradicional subvertida, se transformando em espaço fértil para um ARTEvismo político de resistência através da atuação e criação dos seus sujeitos/atores que passam a inventar novos modos de agir no cotidiano.

O ARTEvista da pós modernidade não se satisfaz somente com uma politização da arte, mas inventa formas de emancipação dos sujeitos através de práticas artísticas onde posicionamentos éticos e estéticos se esbarram e se aliam a movimentos de contestação e criação de subjetividades.

Entendo subjetividade a partir do pensamento de Guattari (1992, p. 11), segundo o qual a subjetividade é polifônica e por meio de interações produz sentidos e contra sentidos, opera agenciamentos coletivos e individuais. Assim, na diversidade dos componentes que produzem subjetividade são encontrados:

[...] 1-componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2- elementos fabricados pela indústria dos mídias, do cinema, etc; 3- dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas. (GUATTARI. 1992, p. 14).

No presente estudo, o que denomino e considero como práticas artísticas são os “modos de fazer” dos artistas que atuam principalmente, mas não necessariamente, fora dos espaços tradicionais de visibilidade da Arte: museus, galerias comerciais e centros culturais.

Essas práticas, cujas linguagens, a partir de categorias estéticas e acadêmicas, são comumente divididas em: artes visuais, teatro, música, cinema e dança, são inúmeras e se [re] inventam de acordo com os contextos, sujeitos, objetivos, movimento das ocupações em que são desenvolvidas e, ao praticarem a cidade, lhe dão vida, tornam o lugar um espaço ativo. Assim, levando em conta a complexidade dos atravessamentos e categorias que possibilitariam várias pesquisas em distintas áreas do conhecimento – Artes, Sociologia, Política, História, Filosofia, Geografia, etc. –, sobre tais práticas artísticas nas ocupações coletivas, delimito minha investigação às linguagens das artes visuais, especificamente aos seguintes modos de fazer: pôster-lambe, graffiti e *performance*.

O pôster-lambe (Fotografia 01) é um cartaz artístico que pode ser produzido com várias técnicas tais como: recorte e colagem, serigrafia, pintura sobre papel, fotocópias, etc, para ser colado nos espaços públicos a fim de dialogar com os transeuntes e a cidade.

Fotografia 1 - Intervenção urbana realizada na ocupação Ocupa Angico.



Fonte: Acervo da autora. Teresina, 2014.

O graffiti (Fotografia 02) é uma prática urbana que consiste em usar tinta, não necessariamente a spray, para criar imagens nas ruas tendo as paredes, edifícios, asfalto, postes, muros da cidade como suporte. É geralmente anônimo e não autorizado.

Fotografia 2- Graffiti produzido pelo coletivo OcupARTHE



Fonte: Acervo da autora. Teresina, 2014.

A performance (Fotografia 03), por sua vez é uma expressão artística em que o corpo é obra/objeto de arte e ao mesmo tempo artista/propositor. Uma prática que envolve conceito, improviso, adaptação e informalidade estética, rompendo com a ordem e os paradigmas da Arte engessada e permeada por padrões.

Fotografia 3- Performance dentro do Metrô de Teresina durante ocupação



Fonte: Coletivo OcupARTHE. Foto: Lina Magalhães. Teresina, 2014.

Escolhi essas práticas⁵ por se tratarem de intervenções que realizadas no espaço urbano se configuram como um ARTEvismo que vai “[...] além do mundo da arte e não reproduz passivamente os hábitos institucionais e corporativos, produzindo meios de conscientização social e de impacto midiático, revelando contradições injustas” (MESQUITA, 2008, p. 150), configurando táticas de resistência eficazes nos modos de recomposição política dos movimentos sociais contemporâneos. Entendo movimentos sociais de acordo com Medeiros (2014, s/p), para quem esses são:

[...] as expressões da organização da sociedade civil. Agem de forma coletiva como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. É nas ações destes que se apresentam as demandas sociais que determinada classe social enfrenta, se materializando em atividades de manifestações como ocupações e passeatas em ruas provocando uma mobilização social, despertando uma sensibilização na consciência dos demais indivíduos.⁶

As ocupações urbanas de artistas e ativistas privilegiam os processos conceituais que permeiam suas práticas artísticas muito mais do que a produção do objeto de arte tradicional e para entendermos tais práticas, dois conceitos se fazem fundamentais: tática e estratégia.

Em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, com a qual mantenho profundo diálogo para pensar e produzir essa dissertação, Michel de Certeau (2008, p. 99) define a estratégia como:

[...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...]. Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios.

Para Certeau (2008, p. 100), a tática por outro lado:

[...] é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...] A tática não tem lugar senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo, [...] e no espaço por ele controlado.

⁵ No terceiro capítulo analisarei tais práticas com mais profundidade.

⁶ Disponível em: < <http://www.portalconscienciapolitica.com.br/ci%C3%A2ncia-politica/movimentos-sociais/>> Acesso em: 10 Mai, 2017.

Nas ocupações investigadas os sujeitos/atores preferem a utilização da tática à estratégia, uma vez que a primeira, não tendo lugar próprio, é capaz de aproveitar as ocasiões e ocupar onde ninguém espera. As táticas “[...] são procedimento que acontecem no terreno do outro e que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (CETEAU, 2008, p. 102). As táticas de resistência possibilitam invenções de contrapoder capazes de transformar uma realidade, assim, uma vez que a Arte é um campo para invenção, o “[...] lugar onde a imaginação fica solta para produzir e atender desejos” (PAIM, 2012, p.16), ela é uma tática de resistência.

Entendo resistência aqui a partir dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização⁷ construídos por Deleuze e Guattari (1996) que auxiliam a compreensão das práticas sociais e da construção de um projeto político de libertação dos desejos, dos corpos, da arte, da criação e da produção de subjetividade (ALVIN, 2009). Não se trata somente de resistir como oposição direta ao poder para se chegar ao poder, mas resistir ao que é imposto, se libertando das representações pré-formadas num processo constante de desterritorialização dos papéis já construídos para se reterritorializar de maneira compositiva com outros sujeitos (PAIM, 2012). Nessa perspectiva, a resistência liga-se menos à noção de contradição e mais às “[...] maneiras como um campo social foge por todos os lados” (ALVIN, 2009, p. 13) sendo a criação a mais intensa energia das resistências.

Um conceito bastante significativo e que se fará presente durante todo o estudo, mesmo que nas entrelinhas, é o das Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), percebido por Hakim Bey (1985, p.7) como “espaços de liberdade” cuja “[...] primeira aparição se perde na noite do tempo”, espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa que permitem uma crítica à ciência oficial e aos métodos canônicos e repressivos de produção do conhecimento, questionando as autoridades, inclusive a acadêmica.

A TAZ – Zona Autônoma Temporária – é a produção de espaços reais e virtuais efêmeros por meio da criação coletiva, nômade e não- hierarquizada, que propõe formas desterritorializadas e reterritorialização de ação libertária e de conflito (BEY, 2001). O

⁷Gilles Deleuze em entrevista em vídeo, fala (...) Construimos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. Disponível em < <https://letrasparamrio.files.wordpress.com/2010/04/desterritorializacom.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2017.

cenário da TAZ é dissolvido antes de ser capturado pelo Estado e, nesse sentido, considero as ocupações coletivas um dos mais representativos modelos de TAZ da atualidade.

Para a melhor compreensão do estudo, o trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro, **Por Onde Andei ou sobre meu Percurso Metodológico**, retrato o percurso teórico-metodológico a partir do diálogo com Tim Ingold (2015), Gilberto Velho (2013) e Certeau (2008) apresentando os sujeitos/atores, entre eles eu mesma, e o campo da investigação etnográfica.

No segundo, **Ocupar é ReXistir!**⁸, abordo momentos históricos e movimentos da vanguarda artística que considero fundamentais para a compreensão desse estudo como os Impressionistas e Dadaístas; o COBRA e Fluxus; e as vanguardas brasileiras. Apresento ocupações e intervenções de rua de caráter ARTEvista que emergem a partir dos anos 1970, período da ditadura, até chegar às ocupações coletivas de resistência delimitadas no tempo/espaço como sujeitos desse trabalho, retomando conceitos relacionados as ocupações coletivas, práticas artísticas e tática de resistência quando necessário.

No terceiro, **A Arte como Tática de Resistência**, faço uma análise das práticas artísticas como táticas de resistência coletiva nas ocupações. Em meio a diversidade das linguagens e práticas artísticas existentes, e do tempo para o desenvolvimento dessa investigação, reitero que aqui me detive na análise das práticas visuais, novamente a saber: graffiti, pôster-lambe e *performance*.

Chamo atenção para o fato de que esse é um estudo que está longe de chegar ao fim – se é que isso é possível – e que não tem a pretensão de um fazer científico cujas conclusões sejam tidas como verdades, mas uma etnografia em que possamos analisar a Arte enquanto invenção política de resistência, subjetividades e afetos, sob a perspectiva de que:

O instinto nômade do pesquisador consiste em pressentir que as variações do seu objeto não podem ser delimitadas dentro de um terreno métrico, estratificado por ruas, quarteirões ou mesmo locais fixos de atuação do grupo. Os fenômenos que tem a rua como cenário movem-se em espaços abertos, entrelaçados aos fluxos das vias, das ações de cada lugar, atuando quase sempre, de modo fronteiro a outros feixes de acontecimento (ADAD, 2011, p.23).

⁸ Com X pois defendo que resistência é antes de mais nada um ato de existência, de “estar vivo para o mundo”. (INGOLD, 2015). Neologismo a partir dos termos Resistência + eXistência, usado ao longo do texto, quando julgar necessário, no sentido de que existir e estar vivo em meio ao sistema que nos oprime e marginaliza já é em si uma resistência.

Espero que ao percorrer estas páginas o leitor possa ser, assim como eu, atravessado pela rua, pela Arte que nela resiste, inventa espaços e modos de fazer coletivos, pelos sujeitos/atores sem os quais essas páginas não seriam possíveis. Um percurso permeado de afetos, fissuras, incômodos, estranhamentos, desafios e [re]invenção de conhecimento e de mim mesma, a partir das etapas atravessadas:

1^a) Levantamento, estudo e reavaliação bibliográfica, antes, durante e pós campo. Esses foram feitos a partir dos temas de interesse relacionados à minha investigação como: Arte, resistência, cidade, ocupação, ativismo, coletivos, entre outros, considerado os autores com os quais dialoguei na graduação de Artes Visuais; os autores que [re]conheci e me inspiraram no Mestrado em Antropologia bem como seus escritos antropológicos; e o trabalho de pesquisadores que, assim como eu, se dedicaram a estudar a relação entre Arte e resistência a partir dos coletivos e das intervenções urbanas, como André Mesquita (2008) e Claudia Paim (2012);

2^a) A investigação de campo, envolvendo atravessamentos – uma vez que essa só é possível com e através dos que ocupam –, afetações e conversas com membros do coletivo ocupARTHE e ARTEvistas, nas quais utilizei recursos audiovisuais como mecanismo para registrar os discursos e narrativas que apresento nesse estudo e que serviram de suporte para minha análise. Recorri aqui também aos arquivos do coletivo ocupARTHE como: fotografias, páginas no facebook, matérias em jornais e vídeos das ocupações;

3^a) Escrita da dissertação para apresentação à banca de qualificação, desenvolvida a partir do meu referencial teórico, das conversações realizadas com membros do OcupARTHE e ARTEvistas, do diário de campo (Fotografia 04) e registros visuais – fotografias, ilustrações, colagens, poesias – que apresentarei no caminho destas páginas.

4^a) Apresentação de trabalho com parte do texto produzido como pré-requisito para apresentação da Dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós Graduação em Antropologia, PPGAnt/UFPI;

5^a) Revisão do texto a partir das colaborações da banca de qualificação e término da escrita da dissertação presente.

PARTES SUPRIMIDAS

PÁGINAS 25 a 178

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAD, S. J. H. C. **Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimento.** São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALVIN, D. M. **O rio e a rocha: Resistência em Gilles Deleuze e Michel Foucault.** Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/viewFile/5978/4548> >. Acesso em 20 de maio de 2017.

AMSTALDEN. **Arte sem mistério: Lygia Clark I.** por Valéria Pisauro. Disponível em: <<https://blogdoamstalden.com/2013/10/12/arte-sem-misterio-lygia-clark-i-por-valeria-pisauro/>>. Acesso em 15 de maio de 2017.

ARENDT, H. **O que é liberdade?** Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva. 1988.

ARTSHOCK. **El arte libertador de Lygia Clark en retrospectiva en Itaú cultural.** Disponível em:< <http://artishockrevista.com/2012/11/12/arte-liberador-lygia-clark-retrospectiva-itaucultural/>>. Acesso em 01 de junho de 2017.

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - ADUFPI. Alunos da UFPI e convidados realizam pinturas em grafite nos muros da instituição e pedem ajuda para continuar o projeto. **Disponível em:**<<http://www.adufpi.org.br>>. **Acesso em 14 de agosto de 2017.**

AUGÉ, M. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 9 ed. Campinas, SP: Papius, 2012.

BARAZAL, N. R. **Sobre violência e ser humano.** Convert Internacional 15. Comoroc-Feusp/Ppgcr-Umesp/IJI – Univ. do Porto. Porto, 2014

BARBOSA, N. **A relação entre arte, cidade e ocupação.** [22 de maio de 2017]. Teresina, Piauí. Entrevista concedida à Luciana Leite.

BARRETO, F. **Pixiti, ocupação e performance.** [14 de julho de 2017]. Teresina, Piauí. Entrevista concedida à Luciana Leite.

BARROS, E. **OcupARTHE no metrô.** [14 de agosto de 2017]. Teresina, PI. Entrevista concedida à Luciana Leite.

BENDOIAN, G; MENEZES, K. **Por trás dos muros: horizontes sociais do Graffiti.** São Paulo: Petrópolis, 2008.

BE SIDE COLORS. **Grupo Tupi Não Dá e o começo do graffiti.** Disponível em: < <http://besidecolors.com/tupinaoda/>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

BEY, H. **Zona autônoma temporária**. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf>. Acesso em 08 de maio de 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURKE, J.. **Daniel Smail's on deep history and the Brain**. Disponível em: <<https://doinghistoryinpublic.org/2014/04/11/daniel-smails-on-deep-history-and-the-brain/>>. Acesso em 14 de junho de 2017.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, Coleção Todas as Artes, 2009.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

CARLSSON, B.; LOUIE, H. **Street art: técnicas e materiais para arte urbana**. 1ª. Ed. – São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

CARMINDA, A. **Arte, biopolítica e resistência**. Porto Alegre, v.1, nº.2, jul/dez., 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presença>>. Acesso em 24 de junho de 2016.

CARMO, P. S. do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

CAVALCANTE, A. Occupy Velho Monge!. **Revista Revestrés**. Edição Sulica. Teresina, 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**, nº 4, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

CIDADE VERDE. **Vôlei Bar e festival na coroa eram pontos do rock de Teresina**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/200123/volei-bar-e-festival-na-coroa-eram-pontos-do-rock-de-teresina>>. Acesso em 08 de novembro de 2017.

CIRCUITO GRUDE. **Lambes pela democracia**. Disponível em:<<https://circuitogruce.wordpress.com/2016/>> Acesso em 12 de outubro de 2016.

COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS. **Minimanual da Arte Guerrilha Urbana**. DISPONÍVEL EM: <<http://historias.interativas.nom.br/aulas/wp-content/uploads/2017/03/Minimanual-Arte-Guerrilha-Urbana-web.pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

COLI, J. **O que é arte?** São Paulo: Braziliense, 2013.

COSTA, C. **Questões de arte**. São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, D. **OupARTHE no metrô de Teresina**. [15 de dezembro de 2017]. Teresina, PI. Entrevista concedida à Luciana Leite.

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza (Vicennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**, Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**, Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**, Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DENIS, F. **Ocupações do coletivo OcupARTHE**. [12 de dezembro de 2017] Teresina, PI. Entrevista concedida à Luciana Leite.

DIAS, M. **Fluxus, o grito da AntiArte**. Disponível em: <<http://lounge.obviousmag.org/semiotizando/2012/05/fluxus-o-grito-da-antiarte.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Cult**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cult/>> . Acesso em 12 de julho de 2017.

ECOARTE. **Fonte (urinol) – Marcel Duchamp (1917)**. Disponível em: <<http://ecoarte.info/ecoarte/2012/11/a-relevancia-da-arte-ciencia-na-contemporaneidade/fonte-urinol-marcel-duchamp-1917/>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

FABIÃO, E. O programa performativo: o corpo em experiência. **Revista do LUME**, nº. 4, dez. 2013.

FREITAS, J. C. C. de. **As zonas autônomas temporais enquanto espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa**. Disponível em: <<https://cienciaeanarquismo.milharal.org/files/2013/12/Jan.pdf>> Acesso em 24 de junho de 2017.

GALVÃO, Instituto Patrícia. **O que é feminicídio?** Disponível em: <<http://www.agenciapatriaciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

GAUTIER J. **Trilhando a vertente filosófica da Montanha Sociopoética**: a criação coletiva de confetos. In: *Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: aplicação da abordagem sociopoética*. São Paulo: Atheneu, 2005.

GEERTZ, C. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita; **Estar aqui**: de quem é a vida afinal. In : *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2005.

GOMPERTZ, W. **Isso é arte?: 150 anos de arte moderna, do impressionismo até hoje**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GONÇALVES. F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação/ E-compós**. Brasília, Vol. 13, nº 02, jan/abr 2010.

GOOGLEMAPS. Disponível em: ><https://www.google.com.br/maps/@-5.0757632,-42.7925504,14z>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

GORCZEWSKI, D. **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUERRA, T. R; ALVARADO, Daisy V. M. Peccinini de. **Grupo Ruptura**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo3/ruptura/ruptura.html>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

_____. **Grupo Frente**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo3/frente/>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Disponível em: <https://letrasparaumrio.files.wordpress.com/2010/04/desterritorializacom.pdf>. Acesso em 10 de março de 2017.

HOME, S. **Assalto à cultura**: utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX. 2. Ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS -

IBAMA. **Lei dos crimes ambientais**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/ALeiCrimesAmbientais.pdf>>. Acesso em 11 de dezembro de 2017.

IDEAS AD BRÁS. **Brasil 27**: Caso Cooperart-Poty. Disponível em: <<http://ideasadbras.blogspot.com.br/2013/09/conheca-colecao-de-bonecas-mulheres-de.html>>. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **Antropologia não é etnografia**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_ao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold%281%29.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

JESUS, K. N. D. **Praça do Boibódromo**: palco de um patrimônio esquecido. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/arqdoc2015/artigos/pdf/154.pdf>>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

L'AGENCE. K. **Haring en train de peindre sur le mur de Berlin**. Disponível em: <<https://www.photo.rmn.fr/archive/12-582050-2C6NU026XPVG.html>>. Acesso em 21 de maio de 2017.

LAROSSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LIMA, C. de C. Ditaduras da América Latina: **A ascensão e a queda dos governos militares**. Disponível em: < <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/ditaduras-da-america-latina/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2018.

LINGIS, A. A vontade de Potência. **Revista Educação e Verdade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LIRA, M. A. L. Atendimento às mulheres em situação de violência no centro de referência Francisca Trindade, em Teresina - PI. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. V4. N° 1. Ponta Grossa, 2013.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - MAC/USP. **Modernismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>> Acesso em 09 de outubro de 2016.

MAIA, S. **Abaixo o anonimato e transgressão**. O grafite a serviço da imagem. São Paulo: Jornal da Tarde. 6 out, 1989.

MAGALHÃES, M. **19 capas de jornais e revistas**: em 1964, a imprensa disse sim ao golpe. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/03/31/19-capas-de-jornais-e-revistas-em-1964-a-imprensa-disse-sim-ao-golpe/>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

MALINOWSKI, B. **Introdução**: tema, método e objetivo dessa pesquisa. Em: Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1974.

MALUF, S. W. **Por uma antropologia do sujeito**. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/campos/article/viewFile/42463/25832>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

MARTINS, E. **DIÁLOGOS POP: Alex Vallauri e Lady Warhol NO MAM**. Disponível <<https://www.ideafixa.com/oldbutgold/dialogos-pop-alex-vallauri-e-warhol-no-mam>> Acesso em 14 de novembro de 2017.

MARTINS, S. **Almoço na relva, Édouard Manet**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/almoco-na-relva-edouard-manet/>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

MEDEIROS, A. M. **Movimentos sociais**. Disponível em: < <http://cafecomexpressao.blogspot.com.br/2012/11/impresao-sol-nascente.html>> Acesso em 10 de maio de 2017.

MEDEIROS, J. Po. **Impressão, sol nascente**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/almoco-na-relva-edouard-manet/>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

MESQUITA, A. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva** (1990-2000). Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2008. Disponível em: < http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008-dissertacao_Andre_Mesquita.pdf. Acessado em 18 de dezembro de 2014.

MONTE. C. N. da C. **Artesanato ceramista e direitos culturais frente ao Programa Lagoas do Norte no Poti Velho em Teresina - PI: quais diálogos**. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/636/1.DISSERTA%C3%87%C3%83O%20CATARINA%20NERY%20FINAL%20%281%29.pdf?sequence=1>>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

MONTURIL, L. **Ocupação do coletivo OcupARTE**. [13 de junho de 2017]. Teresina, PI. Entrevista concedida à Luciana Leite.

MORIYAMA, V.; LOPEZ, F. **Estética marginal**. São Paulo: Zupi Editora. 2013.

MUNDO ESTRANHO. **O que foi o maio de 68 na França?** Disponível em: < <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca/>>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

NAJIMA, F. M. **Coletivos em rede: novas formas de organização**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: http://fabianamitsue.files.wordpress.com/2011/05/fabiana-mitsue-najima_coletivos-em-rede_-pgeha_usp-final.pdf . Acesso em 15 de maio de 2013.

NAJIMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: D. P. & A., 2001.

NETO, R. D. T. **Memória coletiva e memória histórica na obra de Maurice Halbwachs**. 2014. Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2014/11/07/memoria-coletiva-e-memoria-historica-na-obra-de-Maurice-Halbwachs>>. Acesso em 12 de junho de 2016.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal: preludio de uma filosofia do futuro**. São Paulo: WVC Editora, 2001.

NUNES, R. Doclisboa: **falando de arte para uma lebre morta**. Disponível em: <http://www.c7nema.net/artigos/item/47431-doclisboa-falando-de-arte-para-uma-lebre-morta.html>. Acesso em 08 de novembro de 2017.

OCUPARTHE. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupARTHE/videos/552400851541831/>> . Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

OCUPEACIDADE. **Grude**. Disponível em: < <http://picssr.com/tags/grude/page2>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

OLIVEIRA, J.; GARCEZ, L. **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

OLIVEIRA, R. G. U. L.; SANTOS, L. M. M.; MACHADO, C. B.; SANTOS, V. de Araújo. **O centro de Teresina: Avaliação dos programas de requalificação no Plano Teresina Agenda 2015.** Disponível em: < <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST245.pdf>>. Acesso em 10 de março de 2017.

ORLANDINI, R. **É proibido proibir.** Disponível em: <<http://www.ricardoorlandini.net/comentarios/ver/58730/e-proibido-proibir>>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

OSGEMEOS. **Biografia.** Disponível < <http://www.osgemeos.com.br/pt/biografia/>> Acesso em 08 de janeiro de 2018.

PAIM, C. **Táticas de artistas na América Latina:** coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

_____. **Práticas coletivas de artistas na América Latina contemporânea.** Porto Alegre, 2006. Disponível em:< <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/paim.pdf>>. Acesso em 21 de maio de 2017.

PAULA, V. de. **Narrativa/desabafo registrado em diálogo com @ ARTEvista em junho de 2017.** Teresina, Piauí, 2017.

PEIRANO, M. **Etnografia não é método.** Horizontes antropológicos. [online]. 2014, vol.20, n.42

PEREIRA, M. M. **Fato histórico** - As manifestações estudantis de maio de 1968 em Paris. Disponível em: < <http://manmessias.blogspot.com.br/2015/05/fato-historico-as-manifestacoes.html>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

PEREIRA, L. C.; MORAES, M. D. C. de. **Mulheres do Poti (gênero, identidade, memória: arte, cerâmica e economia da cultura).** Disponível em: < <http://sis.ufpi.br/22sic/Documentos/RESUMOS/Modalidade/Humanas/LUCAS%20COELHO%20PEREIRA.pdf>>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

PHAIDON. **May 1968's graphic protest legacy.** Disponível em: <<http://www.phaidon.com/agenda/design/articles/2013/december/03/may-1968s-graphic-legacy/>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

PIRES, B. Brasil despenca 19 posições em ranking de desigualdade social da ONU. **Disponível em:** https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/21/politica/1490112229_963711.html

PORTAL 180GRAUS. Parabéns Teresina pelos 161 anos. **Disponível em:**< <https://180graus.com/geral/parabens-teresina-pelos-161-anos>>. Acesso de 12 de outubro de 2017.

PORTAL AZ. **Hippies protestam e querem lugar no Shopping da Cidade.** <<https://www.portalaz.com.br/noticia/geral/123336/hippies-protestam-e-querem-lugar-no-shopping-da-cidade>>. Acesso em 13 de maio de 2017.

PORTAL O DIA. **Asas cortadas:** pássaros da fauna piauiense sofrem com tráfico de animais. Disponível em: < <https://www.portalodia.com/noticias/teresina/asas-cortadas-passaros-da>

fauna-piauiense-sofrem-com-trafego-de-animais-306714.html> . Acesso em 05 de outubro de 2017.

_____. **Praça-ação busca a ocupação das praças de Teresina por meio de atividades.** Disponível em: < <https://www.portalodia.com/esporte/esporte/praca-acao-busca-a-ocupacao-de-pracas-em-teresina-por-meio-de-atividades-211785.html>>. Acesso em 08 de maio de 2017.

_____. *Teresina: mulher é assassinada e tem corpo cortado ao meio.* Disponível em: < <https://www.portalodia.com/noticias/policia/corpo-esquartejado-teria-sido-encontrado-em-teresina-201101.html>> Acesso em: 16 de abril de 2014.

PRAÇA-AÇÃO. PRAÇA-AÇÃO Ocupação #4. Disponível em:<<https://www.facebook.com/PracaAcao/photos>>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

BRASIL. Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112408.htm>. Acesso em janeiro de 2018.

ROSA, N. S. S. **Retratos da arte:** história da arte. São Paulo: LEYA. 2012.

PRADO, R. **Coletivo DO NADA.** [10 de janeiro de 2018]. Teresina, PI. Teresina, Piauí. Entrevista concedida à Luciana Leite.

RAZÃO INADEQUADA. **Deleuze – R de resistência.** Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2015/09/13/deleuze-r-de-resistencia/>. Acesso em 28 de maio de 2016.

R. L. **A relação entre puchação, graffiti e cidade.** [18 de dezembro de 2017]. Teresina, PI. Entrevista concedida à Luciana Leite.

ROSSI, B. R. **Alex Vallauri:** da gravura ao grafite. São Paulo: Editora Olhares, 2013.

SALVE RAINHA. Disponível em:< <https://www.facebook.com/salverainhacafe/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

SANTOS, B. F. **Os números da violência contra mulheres no Brasil.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contramulheres-no-brasil/>. Acesso em 10 de março de 2017.

SANTOS, E. **Ocupação, Arte e resistência.** [05 de maio de 2017]. Teresina, Piauí. Entrevista concedida à Luciana Leite.

SANTOS, V. N. **Mapas do corpo:** o caminhar no Labirinto da Sociopoética. In. Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com sociopoética. – Fortaleza: EdUECE, 2014.

SILVA, A. L. dos S. V. e. **Essa rua virou nossa.** Em: Arte que inventa Afetos. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2017.

SOARES, S. K. de A.; BARBALHO, A. A. **Modos de dizer sobre a ditadura civil-militar brasileira**: arte política nas intervenções de Artur Barrio e do Coletivo Aparecidos Políticos. Em *Arte que Inventa Afetos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SOUSA, R.. **O coreto da Rio Branco**. Disponível em: <<http://maestrorochasousa.blogspot.com.br/2009/09/o-coreto-da-rio-branco.html>>. Acesso em 21 de outubro de 2017.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

STRICKLAND, C. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SUL21. **A repressão e resistência durante o regime militar**. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/50-anos-do-golpe-civil-militar/2014/04/a-repressao-e-a-resistencia-durante-o-regime-militar/> Acesso em 21 de outubro de 2017.

TAVARES, A. **Arte e intervenção urbana**. [02 de julho de 2017]. Teresina, Piauí. Entrevista concedida à Luciana Leite.

TAYLOR, D. **Traduzindo performance [prefácio]**. Em *Antropologia e Performance: ensaios na pedra*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

THIOLLENT, M. Maio de 1968 em Paris testemunho de um estudante. *Tempo Social; Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo*, S. Paulo, outubro de 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

TRINDADE, K. Poema resposta narrativa sobre o que foi a ocupação do Metrô de Teresina? **Revista ARTEvista**, membro do coletivo OcupARTHE. Teresina, 2018.

TRINDADE, R. **Os muros da Sorbonne**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/06/16/os-muros-da-sorbonne> > . Acesso em 08 de maio de 2016.

_____. **Deleuze – Rizoma**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>>. Acesso em 12 de setembro de 2017.

TZARA, T. **Manifesto dadaísta de Triztan Tzara de 1918**. Disponível em: <<https://vanguardamaristao.wikispaces.com/file/view/Manifesto+Dadaista.pdf>> Acesso em 20 de maio de 2017.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VENTURINI, L. **Como está a desigualdade de renda no Brasil, segundo o IBGE**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/11/30/Como-est%C3%A1-a-desigualdade-de-renda-no-Brasil-segundo-o-IBGE>>. Acesso em 21 de dezembro de 2017.

ANEXO I

Fazem/fizeram/SÃO o coletivo OcupARTHE (integrantes):

Alberto Tavares (Panzer). Artista Visual, grafiteiro e historiador.

André Ângelo Meneses. Músico e Artista Visual.

Adriano Meneses. Músico.

Daniel Bandeira (DBand). Artista de Rua e professor de Língua Espanhola.

Débora Gonzales. Ativista e estudante de Ciências Sociais.

Dod's Oliveira. Artista plástico e estudante de Design de Interiores.

Eduardo Santana. Artista Visual.

Eli Santos. ARTEvista e Produtora Cultura.

Emanuel Souza Cruz. Artista Visual.

Emerson Mourão. ARTEvista e fotógrafo.

Esaú Barros. ARTEvista, músico e performer.

Fabiano de Cristo. Publicitário e estudante de Artes Visuais.

Flavia Barreto. ARTEvista e Advogada.

Francicleiton Cardoso. ARTEvista e Jornalista.

Francisco Denis. Artista Visual e Design Gráfico.

Kilito Trindade. ARTEvista, poeta e biólogo.

Lise Mariane. Artista de rua e crochêteira.

Luan Rusvell. ARTEvista e estudante de arquitetura.

Luciana Leite (LuRebordosa). ARTEvista e Cientista Social.

Luciane Monturil. Artista Visual e performer.

Mariana Paz. Produtora Cultural.

Marielle Rangel. Estudante de geografia e ambientalista.

Marília Saraiva. Artista Visual e estudante de Ciências Sociais.

Mayra Chayb. Artista de Rua e estudante de engenharia civil.

Nelson Barbosa. Artista Visual, arquiteto e pai de gêmeos.

Sabrina Bosarir. Estudante de arquitetura.

Samuel Brandão. Arte Educador, artista plástico e músico.

Tarciana Ribeiro. Poetisa e estudante de Letras.

Vicente de Paula. ARTEvista, jornalista, performer e Fruta Gogoia.

Ylana Leal. Artista Visual e estudante de arquitetura.

Fazem/fizeram/SÃO o coletivo OcupARTHE (Colaboradores/Apoiadores):

Rufino.

Guga Carvalho.

Projeto Fabulah.

Tambor de Crioula Manga Crioula.

Grupo Cafundó de Contadores de História.

Pedro Boto e Banda 3PI.

Amara Meneses e Estação Gandaia.

Foco Iluminação.

Ferdinad.

ANEXO II

O movimento PRAÇA-AÇÃO foi idealizado e realizado por um grupo de universitários, a maioria do curso de arquitetura, durante os meses de julho e agosto de 2014, e ocupou praças pouco frequentadas da Zona Leste de Teresina, fazendo sua última edição na Praça dos Eucaliptos, bairro Acarape, zona norte da cidade.

A primeira ocupação aconteceu na Praça Edson Veras, no dia 12 de julho, no Bairro São Cristóvão. Em entrevista ao portal ODia, Eduardo Lima, um dos organizadores do movimento, explica a origem da iniciativa:

Eu e alguns amigos sempre frequentávamos muitas praças por causa do slackline. Percebi que hoje em dia poucas pessoas vão às praças, acho que existe um preconceito em torno delas. Então, como estudante de arquitetura, eu percebi, junto com outros colegas de curso, que é importante a ocupação delas (Portal ODIA. 14 de agosto de 2014).

Cartaz PRAÇA-AÇÃO #4. 2014



Fonte: PRAÇA-AÇÃO. Teresina, 2014.

A intervenção, que teve quatro edições, contava com atrações musicais e prática de esportes radicais, como ciclismo, slackline, longboard, skate, além de piquenique, tendo como foco principal promover a ocupação das praças da cidade.

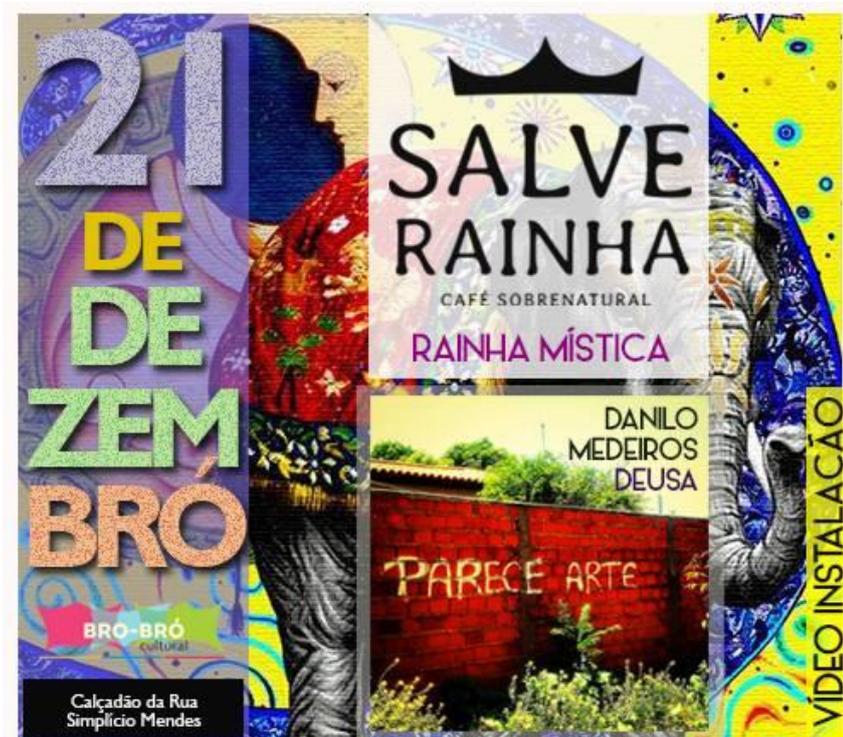
ANEXO III

O *Salve Rainha* é uma iniciativa coletiva iniciada em 2014. As primeiras ocupações aconteceram na Praça Ocílio Lago, popularmente conhecida como Praça dos Skatistas, na zona leste, durante os domingos do mês de Setembro. Na ocasião, o idealizador do projeto Francisco Júnior Araújo (PRESETE!), montou o *Café Sobrenatural* no prédio onde havia funcionado a Fundação do Humor, na praça em questão, e uma galeria de Artes onde em cada edição artistas visuais eram convidados a expor seus trabalhos.

No mês de dezembro, aos domingos, foi a vez do Café Sobrenatural (Imagem 16) ocupar o Calçadão da Rua Simplicio Mendes, no centro de Teresina, com instalações artísticas, projeções audiovisuais, exposições de artistas consagrados e iniciantes, feiras de artesanato, performances e apresentações musicais.

O Café Sobrenatural do Salve Rainha atualmente funciona em um local fixo, no Parque da Cidadania, cedido pela SECULT/ Secretaria de Cultura do Estado do Piauí. O coletivo permanece realizando ocupações nos espaços públicos da cidade tendo as práticas artísticas como fio condutor das intervenções e ressignificação desses lugares.

Imagem 20 - Cartaz do Salve Rainha. 2014.



Fonte: Coletivo Salve Rainha. 2014.